

Seria bem colocar a antropologia felup no contexto da COSMOLOGIA, assim para ter uma certa qual colocação deste ser no contexto dos seres existentes.

Com esta finalidade reproduzo aqui um artigo de há alguns anos, como material aproveitável passando depois a tratar mais propriamente, apesar de "em esquema" da própria antropologia.

Apontamentos acerca do relacionamento do homem Jòla com o mundo que o rodeia.

(De uma catequese em Monza)

Quando uma pessoa morre, faz-se o *kasaab* (do rad. *Saabul*: abrir a boca): procura-se um porquê. Porquê esta pessoa morreu? O que é que quebrou o equilíbrio, a harmonia que a conservava em vida?

A concepção que se pode intuir: a vida é resultado duma síntese de muitos elementos, é equilíbrio, **harmonia**. Se esta harmonia se quebrar, a vida diminui, até pode cessar.

Mas esta harmonia é constituída por quais elementos? Quais são as notas que entram neste acordo, que compõem esta harmonia? Todos os que são julgados essenciais para que haja vida, como, por exemplo, os seguintes

- acordo entre tabancas aliadas (*iaña â*) e equilíbrio entre as alianças (que não haja uma forte demais, que esmagaria outra).

- acordo entre famílias, clãs, que garante a estabilidade da propriedade da terra cultivada, dos contractos estipulados, dos casamentos celebrados, etc

- acordo no interior da casa, onde a propriedade dos bens é separada e complementar, de toda forma apta a garantir, no caso da separação dos cônjuges (ruptura da harmonia) a sobrevivência (a vida) pelo menos por um certo tempo, também do cônjuge mais fraco;

- acordo e harmonia no interior do microcosmo pessoal, dos vários elementos que constituem o ser pessoal, antes demais o espírito ou princípio vital (*iàror*), composto por vários princípios que podem ser perdidos ou subtraídos em vários modos...

Esta harmonia estende-se ao relacionamento entre o homem e o meio-ambiente, entre o homem e a natureza, ao longo do correr do tempo e do desenrolar das várias fases da vida; torna-se como que um correr paralelo entre o homem e a natureza segundo ritmos vitais:

a). o ritmo das estações e o ritmo da vida com suas lidas de cada dia

- o ritmo da cultura do arroz no mato, respeitando a vida das palmeiras e arbustos, seu ritmo de crescimento e de reconstituição, voltando a cultivar o mesmo lugar ritmicamente, cada sete/dez anos

- o ritmo da recolha das ostras, em determinadas circunstâncias e festas, para que haja reconstituição e não destruição do património

- o ritmo da presença/ausência do vinho de palma, com a possibilidade de "desintoxicação" do organismo humano...

- o ritmo das classes de idade e da sua entrada no mundo dos adultos através do matrimónio

- o ritmo das gerações e das iniciações

b) o correr paralelo da vida do clã e do "Totem" (*euwum âi*), animal partner, garante da subsistência do clã e do indivíduo no respectivo segmento da linha que chamamos de vida.

c) o ir e voltar do reino dos mortos (*kuhòka*) que não é nem paraíso nem inferno, mas sim uma espécie de reino "sombra", onde a vida continua numa condição como que "amorfa". Pelo que a vida é "*teitor*", como que correr dentro de um espaço vedado, não em linha recta, numa direcção bem definida para uma meta alcançável.

Sintetizando estes elementos todos que sobressaem desta concepção do mundo, da vida e da pessoa, que descrevi de forma muito sumária, podemos evidenciar três:

o RITMO, que da origem a um proceder harmónico, sem sobressaltos nem imprevistos

a CIRCULARIDADE, que representa o "déja vu" sem entradas repentinas numa escuridão e então com uma certa qual "segurança experiencial" cristalizada em mitos e tradições; porém com uma repetitividade que, ao fim, corta as asas à iniciativa, à invenção, ao progresso e tende a levar, por si mesma, a uma como que asfixia dum povo e de uma cultura;

o PARALELISMO entre dois mundos, neste escorrer rímico e cicular: o mundo visível, que cai debaixo da nossa xpriência sensível, e o mundo invisível, espiritual, que entrevemos e ao qual compreendemos que, duma forma ou d'outra, nos devemos referir.

No meio destes dois mundos corre como que uma vedação, uma parede, um rio:

nesta margem escorre a vida do homem e das criaturas

na outra margem nos acompanham as razões, as motivações, as forças que esplicam, ameaçam, sustentam ou travam esta nossa caminhada;

de lá vêm mensagens, através de sonhos, "inspirações" e coisas parecidas

deste lado vão mensagens através de ritos, sacrifícios, etc

Portadores destas mensagens são, em geral, os espíritos "*ukin âu*", criados como tais por Deus, cuja função é mesmo a de intermediários entre uma e outra margem, com especificações ulteriores não tanto de ordem moral (espíritos bons e espíritos maus), quanto de ordem "funcional": o "*bakin*" preposto a contractos e transações e protetor de comrciantes e de ladrões; o "*Hussila*"; o espírito da fecundidade "*Karaha*"; o espírito da iniciação "*kareñ*"; etc.

Destinatário destas mensagens e fonte da Vida é o "Céu", quer dizer o conjunto de tudo o que existe lá em cima e intuimos que deve haver, nem que o não consigamos ver, e que chamamos de "*emit a*", quer dizer "não conhecido e inconhecível" ao mesmo tempo, que está além da nossa percepção; deste complexo sobressai o "*At'emit*", quer dizer o Dono, o Senhor de tal conjunto todo, que os Felup de Suzana chamam "*Emit a*", o Inconhecível por antonomásia, e então podemos dizer o "Transcendente".

Ele é que criou tudo o que existe, ele é que nos pariu a todos, dele esperamos tudo o que nos serve para a vida, como a chuva, a saúde e todo o resto; das suas mãos vem tudo, o bom e o menos bom, a alegria e a dor. O nosso papel é suportar "*munten*", porque não podemos fazer nada para tirar o que nos faz sofrer.

Dizíamos mais acima que as mensagens de uma a outra margem deste rio, (ou da parede deste labirinto) ao longo do qual escorre a vida, passam segundo várias modalidades e lembrámos umas correctas: sacrifícios, ritos etc. que dizem referência a Deus em atitude normalmente religiosa. Existem porém outras modalidades, menos correctas, mas muito frequentes, como a magia e a divinação (*huusor*).

Todas estas manifestações, correctas e menos correctas, revelam a presença dum desejo e entender, de compreender o sentido desta vida, como também indicam uma falta de tranquilidade, uma experiência de precariedade não bem explicada e então de medo. É como se alguém esteja a ser alvo de setas lançadas por um inimigo invisível, não sabes de onde vêm e então não sabes como defender-te e passar ao ataque; não chegas a segurar o "porquê" profundo do teu existir e então eis que fica dentro de ti uma sensação de medo, de angústia.

Pode-se cortar com uma faca esta sensação de medo, que emerge muitas vezes com prepotência além da "festosidade" e da despreocupação que turistas e até atropólogos descrevem depois de um contacto apressado e epidérmico com estas pessoas e culturas.

É aqui que se insere o anúncio: deste lado do rio, deste lado da parede apareceu um homem que disse: "Agora chega, terminaram os dias da espera e do medo, a noite passou e já estamos no dia: Deus veio poara este lado, do lado do homem, é "Deus connosco". Venham aqui, confiem. Esta é a boa nova!" (Cfr. Mc.1,14).

A este ponto, seguindo a Ele, começamos a compreender, temos a chave para pegar no fio da meada, podemos vir a cabo dos porquês e tudo começa a ter sentido: é ler o que vem em Efésios, 1,9-10.20-23. Recapitular quer dizer: fazer de tudo um corpo só e colocar-lhe a cabeça, que lhe dá vida e sentido. Com Col.1,15-20 temos a celebração lúcida e entusiasta deste "sentido" que o universo tem; e o tem, n'Ele. Para o homem.

A concepção do mundo para o Felup è claramente antropocêntrica: o homem está no meio e todo o resto roda em sua volta; ele è a medida do tempo e do espaço tudo è visto e considerado em referência ao homem: com uma certa tautologia diríamos que “a antropologia Felup è antropocêntrica”.

Se em cima está Deus e todo o desconhecível (emìt ai = iamìrutai ai ; mìr= conhecer; mìrut= conhecer não);

e se em baixo estão os kuhok (os sepultados),

no meio está o homem, com o seu nome característico ANAU, onde o radical è a N, que significa “dizer”: o homem è quem DIZ, compreende, pensa, compara as coisas, chega a umas conclusões. Não só, mas também as COMUNICA: o facto que o mais profundo do homem, o seu “próprio” por assim dizer em comparação com as outras criaturas seja aquela N que quer dizer “dizer” realça o facto que o homem precisa dum interlocutor, è por si mesmo “comunicação” de algo que entendeu, pensou, concebeu na sua mente. Isso ele faz graças ao “BUINUM ou BUYEGET”.

Do que è que se trata?

Na mentalidade felup os seres vivos e visíveis são compostos: como para a maioria dos mortais, a vida è síntese (ver artigo precedente) e quando os componentes se separam acontece a morte.

Cada ser vivo e cívico è feito de dois elementos:

ENIL o corpo

IÀROR o princípio vital ou espírito.

Enquanto os dois continuarem juntos, o ser è vivo. Quando IÀROR sai, então o ser morre.

Qual è a diferença entre os animais e o homem? Já dissemos: a nível de “ser vivo”, nenhuma: ele também como o cachorro ou o boi tem ENIL e >IÀROR .

Mas já vimos que eles “NÃO FALAM, NÃO DIZEM”, ao passo que o homem DIZ (=N). Mas o que è que faz capaz de “DIZER”, de comunicar ideias?

O BUYEGET ou BUINUM. De facto quando o homem è ainda criança e ainda não fala ou, pelo menos “não dá conta do recado”, os grandes desculpam dizendo “Abajurut buinum” que queria dizer: “Ainda não tem alma, não tem cabeça; quer dizer: ainda não alcançou o uso da razão, ainda não consegue portar-se como homem , ainda “não tem cabeça”.

Então cá temos o nosso homem, no qual já detectamos três elementos: Corpo, espírito e alma. Naturalmente o buinu ou Buyeget está ligado ao funcionamento dos “órgãos vitais” de que se serve para pensar, avaliar, comunicar.

Não se percebe ainda bem se quem è orivado do “uso” das faculdades do “BUYEGET” è pensado como não tendo aquilo, então “menos homem” e “mais animal”: deve-se aprofundar. A falta de uso não quer dizer falta da própria faculdade.

NB. A antropologia cristã insere-se na felupe com estes parâmetros, até agora: ao homem que è ENIL + IÀROR + BUINUM AJAMAAT (espírito do homem), deus no Baptismo acrescenta o Espírito Santo ou BUINUM EMIT o Espírito de Deus. Desta forma o homem è tornado capaz de entender, pensar, exprimir o que se refere a Deus, como Deus próprio faria. Com o Buyeget ajamaat, o homem consegue conhecer a Deus, dirige-se a Deus no seu íntimo ou, se

publicamente, através dos espíritos, os UKÎN ÂU (singular BAKÎN): mas o BUINUM EMIT are perspectivas novas, inesperadas: (ver todo o NT, em particular Jo. Capp. 14-15 e Rom. Cap.8) È de lembrar porém que Deus não só infunde o BUINUM EMIT (ou BUNIM BUNAP ABU segundo a linguagem do saudoso p. Marmugi, linguagem que ainda utilizamos).

Mas demos outro pequeno passo na antropologia cristã: Deus não só nos infunde uma faculdade nova, a de entender, comunicar, dialogar com ELE através do BUINUM EMIT, mas também nos faz participar da sua imortalidade, nos faz ressuscitar, como os ossos do vale ressequido de Ezequiel; por isso è ue naquela leitura sai a palavra IÀROR EMIT.

Interessante seria aprofunda também o termo EUWUM ÂI que faz parte quer da antropologia quer, mais genericamente, da Cosmologia.

Só reproduzo aqui uma citação do que dissémos mais vezes em respostaas a questionários para as várias Assembleias Diocesanas

“Respostas dadas pela comunidade de missionários.

Pergunta 1.

Subscrevemos o que as comunidades cristãs disseram. Já tratamos também deste assunto mais demoradamente em respostas aos questionários das precedentes assembleias e aquando da pesquisa preparatória ao Sínodo Africano. Permitimo-nos uma citação:

-Os clãs baseados no totem (animal partner) comum são superados. Eles chamam tal totem "euwum", do radical "UW" que significa "existir", "viver". Vives enquanto vive o teu totem, a vida tua e da tua família reside não só em vós, mas em vós e nele juntos. Cada clã tem o dele. Mas Cristo é a VIDA de tudo e de todos, e, curiosamente o radical que usamos em Col.1,16-17 e Jo.1,3-4 et similia é o mesmo que indica tal realidade. Veio a ser natural por eles concluir que a divisão por clãs não tem mais razão de existir e não há mais barreiras entre os crentes e entre os homens em geral. E isto não o sentem em oposição ao que diziam os pais, mas como resposta ao que eles procuravam...

-A unidade superclânica vem, por sua vez, pela participação a bens comuns: desde a mesma mama que os amamentou até o mesmo sange a correr nas veias, a mesma bolanha que lhes dá o arroz, o mesmo território em que vivem etc... O ser estes bens limitados traz consigo a luta entre estas unidades superclânicas para estender, guardar, acrescentar os possessos etc..o que dá divisões e guerra.

Os cristãos sabem que participam dos mesmos bens infinitos: o Sangue de Cristo os faz consanguíneos, o Espírito de Cristo lhes dá entendimento comum, a universalidade do Sacrifício de Cristo dá cabo da particularidade das cerimónias tradicionais que nunca vão além de certas fronteiras...

Aliás foi isto que levou os cristãos de várias comunidades de tabancas tradicionalmente inimigas a evitar o deflagrar de guerras em anos recentes.

Seria longo enumerar todas as pistas que seguimos, aliás a pesquisa continua...

Boas indicações em propósito em Vincent Mulago "Un visage Africaine du Christianisme. L'union vitale Bantu face à l'unité vital ecclesiale". Presence Africaine, Paris 1962 (disponível na missão de Suzana)

:

Se agora formos observar mais de perto este homem, centro do universo, o que é que vamos descobrir?

- Uma coisa interessante e reveladora é a forma de distinguir o homem varão da mulher. faz-se através de suixos, e isto é interessante (Ver Casar no Senhorm cap. V edição Felup pag. 33, e noutros lugares)
- Antes de mais nada, fica claro para os dois que há uma paridade fundamental:
- Os dois pertencem à classe dos noms que indicam "agentes", sujeitos conscientes e responsáveis; não só mas os dois partilha o tal radical N que quer dizer ser inteligente, capaz de entender, de comunicar, de querer e de agir: todos os dois são AN.

Este é o tronco, único para os dois. Agora começam as especificações:

- o varão é visto como capaz de esforços, depositário da força violenta, que vai ser aplicada ao trabalho, à guerra etc. É um tractor a que se vão atelar mais máquinas. Isto expressa-se através do infixos YN, que acrescentado a AN dá ANYN = ANNYN, que depois receberá também um sufixo conforme às leis da morfologia da língua Felup. O homem FORÇA é o varão.

E a mulher? Ela é vista na função materna, a que transmite e perpetua a VIDA Através do seu ventre, que é indicado pelo radical ÀR (HÀR AHU = o ventre)

AN+ ÀR = ANNÀR AU = o homem . ventre = a mulher.

Há também outra palavra, sempre construída com AN + a função e é a seguinte:

AN ÑAKAN onde aparece duas vezes a palavra AN = home, no princípio e no fim. E o verbo ÑÀK que quer dizer? Quer dizer ATRAIR, GUARDAR, CONSERVAR COM CUIDADO, etc. o que outro homem: a mulher grávida, a mulher mãe, amuher que guarda a família, que é custode da vida, etc.....).

-

Falta ainda considerar outra coisa: Como é que o homem é medida do espaço e do tempo?

Vou reproduzir aqui umas passagens dos "Apontamentos de gramática da língua Jòla- Felup que escrevi ainda em 1995.

Quando se entra a falar nos verbos e na conjugação, então é que aparecem as dificuldades: não é tão simples como o Criol. Começando a falar no assunto, a pág. 78, tive que fazer umas premissas, das quais a primeira diz:

"ART. VIIº O VERBO

A.- Umass premissas fundamentais, para tentar orientar a pesquisa acerca do verbo:

1. A primeira Premissa: é de ordem psicológica.

Atendendo aos resultados desoladores encontrados todas as vezes que fomos à procura de tempos e modos correspondentes aos das nossas línguas, abandonámos tal tipo de pesquisa. Pareceu-nos então intuir o seguinte: a maneira com que o Felupe vê uma acção que se desenvolve, não corresponde à nossa. Nós temos uma visão digamos histórica ou objectiva dos acontecimentos. Para nós a história é o que é, a acção é a que consideramos em si própria, a observamos, a analisamos, a articulamos com outras acções e acontecimentos classificando-as num antes e num depois, como que ficando fora da acção mesma, como espectadores, analizadores.

O Felupe em vez quase nunca vê uma acção como algo que tem vida autónoma, mas sim a vê como projecção do homem, que nela sempre se encontra envolvido e torna-se o ponto a que cada acção é referida. O antes e o depois assumem desta forma aspectos profundamente diferentes dos que nós estamos acostumados a ver”

Espalhadas por tais apontamentos de gramática há outras observações que evidenciam a função do “narrador” que se encontra sempre no meio do que relata e coloca tudo em relação a si próprio.

Ex. Digo a um rapazinho: “Dexe do mangueir”. Logo traduziria Uwalo di bumangu abu”, literalmente. O meu tradutor me pergunta: mas tu, quando dizes isso, onde estás?” Respondo: “Mas isso que interesse tem?” Ele me diz: “Tem mesmo. Se tu estiveres em cima da árvore a roubar mangos em companhia dele, dirás: “uwalo di bumangu abu”. Mas se tu estiveres no chão dirás: “Uwalo UL di bumangu abu.” O sufixo UL faz mesmo entender que tu não estás em cima daquela árvore a roubar fruta como não deias fazer

NB.

Por enquanto não tenho lá muito tempo para aporatar mais. Gostava que alguém continuasse na pesquisa e me comunicasse também uns resultados. pBrigado. P Zé Suzana 31.05.2014